

A Ascensão de Jesus e a nossa missão universal

Irmãs e irmãos, que a paz do Senhor esteja como todas e todos vocês!

Neste domingo, o sétimo do Tempo Pascoal, celebramos, pelo calendário litúrgico ocidental, a Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Por alguns séculos, no início da cristandade, comemorava-se esse evento cristão juntamente com Pentecostes, tendo em vista serem a Páscoa e Pentecostes os pontos mais marcantes para a comunidade cristã. Porém, com o passar do tempo, foram-se revelando importantes significados identificados na Ascensão de Jesus. Convidamos, então, a todas e todos vocês a refletirmos juntos sobre alguns desses ricos significados, após a leitura de um dos trechos evangélicos estabelecidos para o domingo de sua celebração.

Naquele tempo, Jesus apareceu aos Onze e disse-lhes: “*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo; mas quem não acreditar será condenado. Eis os milagres que acompanharão os que acreditarem: expulsarão os demónios em meu nome; falarão novas línguas; se pegarem em serpentes ou beberem veneno, não sofrerão nenhum mal; e quando impuserem as mãos sobre os doentes, eles ficarão curados*”. E assim o Senhor Jesus, depois de ter falado com eles, foi elevado ao Céu e sentou-Se à direita de Deus. Eles partiram a pregar por toda a parte, e o Senhor cooperava com eles, confirmando a sua palavra com os milagres que a acompanhavam. (Mc 16,15-20)

Os primeiros cristãos estavam tão plenos e com tamanho rejúbilo trazendo com sigo e divulgando os episódios da Ressurreição de Jesus e de Pentecostes, que não se sentiam mobilizados para refletir sobre a Ascensão do Senhor e relevar tal episódio.

Por mais de três séculos, todo o foco da herança pentecostal, fortalecendo e alimentando os cristãos, era dado aos dois episódios acima mencionados, sendo que a lembrança da Ascensão ocorria, apenas, com a procissão dos cristãos ao Monte das Oliveiras, na tarde do dia de Pentecostes. Sua celebração litúrgica teve início, somente, no início do século IV, no Oriente, por São Gregório de Nissa e, posteriormente, ratificada por São João Crisóstomo.

O limitado destaque à Ascensão de Cristo já ocorria com os apóstolos e evangelistas, pois, para eles, a glorificação de Cristo deu-se já com sua ressurreição, sendo que, sua partida terrena, apenas concluiu a glorificação da pessoa humana de Jesus.

Em diversas passagens evangélicas evidencia-se a apresentação de Jesus, após a ressurreição, em diferente dimensão, em uma condição transcendental, na qual, por diversas vezes, seus apóstolos tiveram dificuldade de reconhecê-lo. Ele não voltou como rei terreno, aquele que veio para implantar no mundo o Reio de Deus. Ele retornou glorioso, vitorioso sobre a morte, mas para que, ao partir, com sua Ascensão, deixasse-nos a missão de sucede-lo.

Com seu Corpo purificado, após a Ressurreição dentre os mortos, Cristo Jesus esteve presente, por 40 dias, entre os apóstolos e as santas mulheres. No quadragésimo dia, ocorreu a Sua gloriosa Ascensão – o último acontecimento visível da sua vida terrena. Tal episódio ocorrera no Monte das Oliveiras e os apóstolos contemplaram a elevação do Divino Mestre e receberam a missão de levar o Evangelho ao mundo todo, juntamente com sua benção e a promessa de que Ele permanece com cada um até o fim dos tempos.

Marcos dá início a sua narrativa apontando a determinação de Cristo aos Apóstolos e, por conseguinte, a todos nós, de pregar o Evangelho por todo o mundo, a todas as criaturas. Com o mesmo poder divino de Jesus (cf. Mt 28,18 - “*Toda autoridade me foi dada no céu e na terra*”) que o fez enviar aqueles homens para sucede-Lo na missão de disseminar seu Evangelho ao mundo, igualmente o faz, a todo momento, com cada um de nós, determinando que a missão de sermos seus discípulos, e de fazermos com que as demais pessoas também o sejam, acompanhe-nos sempre. Lembremo-nos da fala de Paulo aos Efésios: Deus “*manifestou na pessoa de Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o sentar à sua direita no céu, acima de todo principado, potestade, virtude, dominação e de todo nome que possa haver neste mundo como no futuro.*” (Ef 1,20-21)

Ocorre que, Jesus não se direcionou, apenas, aos onze discípulos presentes naquele momento, Ele continua se dirigindo a todas as pessoas em todo tempo e lugar. Porém, em diversas ocasiões, apesar desse chamado universal, mesmo quando o reverenciamos, ainda fraquejamos na fé. Somos constantemente chamados a ser o seu prolongamento, dando continuidade a sua missão de construir o Reino de Deus em nosso meio.

O maravilhoso é que não houve apenas uma determinação de ação, houve, além disso, e muito além, a promessa de que tal missão seria cumprida com a sua presença e o seu auxílio constante. Podemos ver, então, a importância da Ascensão de Jesus para que tal determinação fosse de fato executada da forma que Ele estabeleceu (cf. Mt 28,20: “*Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo*”).

Cristo Jesus, Deus e homem, ascendeu aos céus. Com o magnífico mistério da Ascensão, recordado em um dos artigos de nossa profissão de fé, o Credo – “*subiu aos Céus e está sentado à direita do Pai*” –, Cristo, além de estar junto ao Pai enquanto Deus por toda eternidade, passou a ocupar seu lugar à sua destra como Homem, fato que nos lembra São Tomás de Aquino em um dos trechos de sua Suma Teológica. Atentemo-nos, porém, para a inexistência de relação espacial no que se refere ao Criador. Não existe direita ou esquerda de Deus. A expressão “*à direita do Pai*”, de fato, relaciona-se à toda glória e poder sobre os céus e a terra dado a Cristo Jesus, refere-se ao divino poder, semelhante ao do Pai, poder este que, após sua ascensão, possibilita que, como homem também, eleve nossa humanidade para junto do Pai. Merece destaque neste ponto, em uma lógica ecumênica, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (“Alegria e Esperança”), do Concílio Vaticano II, a respeito da Igreja no mundo contemporâneo, ao dizer:

Pois o Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, Ele próprio Se encarnou, de tal modo que, como Homem perfeito, salvasse todos os homens e recapitulasse todas as coisas. O Senhor é o fim da história humana, ponto ao qual convergem as aspirações da história e da civilização, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos.

Lembremo-nos de que “Igreja” nesta reflexão não deve ser vista como uma instituição, mas sim a comunidade que se irmana pela fé e pelo amor.

A narrativa da partida física de Jesus Cristo, não apenas espiritual, traz-nos a nossa união física com o Criador. A ascensão da natureza humana de Jesus, juntamente com a sua natureza divina, evidencia a concretização da promessa de que o Santo Espírito está com todos nós. Foi-se Jesus para além da matéria, levando com Ele a nossa humanidade, lembrando-nos que o seu divino Espírito está conosco, para nos preencher, para nos conduzir, para nos fortalecer, ajudando-nos em nossas quedas, defendendo-nos de nossas próprias limitações, para que possamos, dignamente, cumprir a missão a nós determinada, missão esta que desemboca na observância dos ensinamentos de Jesus e sua concretização em atos cotidianos, tornando-nos seus verdadeiros discípulos.

Destacamos, porém, como já lembramos em textos anteriores, que se tornar discípulo de Jesus não significa somente falar de Deus, repetir as suas palavras, participar de cultos e de celebrações em sua reverência, significa, acima de tudo, viver seus ensinamentos, viver como Ele próprio viveu, amando como Ele nos amou, amor este sempre presente até o fim dos tempos, pois sua promessa é de estar conosco até “a consumação dos séculos”. Percebam que Ele não nos disse que *estaria* conosco, mas sim que *está* conosco, o que significa um processo contínuo e permanente.

Pelo exposto, a Solenidade da Ascensão impõe-nos a responsabilidade de sermos verdadeiros discípulos e apóstolos, ou seja, que o sigamos, vivenciando e disseminando suas palavras. Todos nós somos chamados a representar algo de Deus que cabe exclusivamente a cada um de nós. Pregar o Evangelho, disseminando-o a todas as criaturas, não significa somente ensiná-lo, faz-se necessário que o vivamos, mantendo o próprio Cristo vivo em nosso meio por nossas ações.

A Ascensão de Jesus não representou a sua partida, mas sim o verdadeiro início de nossa missão. Missão de mantê-Lo vivo e atuante, por intermédio de nossas ações.

Sintamo-nos, todos, responsáveis pela missão de “ir e ensinar”, indicada por Cristo Jesus, pois para o verdadeiro Cristão esta missão é inseparável da própria vida. Jesus incita-nos a todos para sermos missionários, todos somos enviados para vivermos sua vida, divulgando-a e ensinando como fazê-lo, pois a missão cristã é, fundamentalmente, o anúncio da verdade de Cristo a todos.

Não nos esqueçamos, porém, da mensagem do grande santo russo, São Serafim de Sarov: “*Salva-te a ti mesmo e, em tua volta, milhares serão salvos.*” Nossas ações como cristãos verdadeiros mobilizarão muito mais do que se repetirmos todas as palavras do evangelho. Creio que nossa constante aproximação de Cristo, ainda vivo e presente, tornar-nos-á muito mais fortes em nossa missão evangelizadora.

Já foi dito que as pessoas não conhecem a Deus, elas O experimentam, e na resposta de sua revelação é que surge a fé e a vontade de segui-Lo, mantendo vivo e presente Jesus Cristo em nosso meio, através de palavras e atos.

Um padre ortodoxo russo deixou-nos a reflexão de que perceber a revelação de Deus é como se fosse a descoberta do coração na alma daquele que o procura, jamais sendo encontrado, apenas, na mente humana. É perda de tempo buscarmos conhecer Deus com explicações racionais da fé, da mesma forma que seria perda de tempo, em nossa missão evangelizadora, tão somente, tentarmos explicar, de forma racional, a sua presença e a sua importância.

Adoremos o Senhor, assim como seus primeiros discípulos o fizeram e, mesmo nos momentos que fraquejarmos, igualmente a eles, roguemos que, pela sua presença constante conosco, possa nos fortalecer e dar robustez a nossa fé, para que sejamos capazes de cumprir a missão a nós delegada, dando continuidade a sua presença no mundo, buscando a sua permanente transformação, a sua contínua melhoria, construindo, por nossas atitudes, o amor fraterno e a paz entre os seres, perenizando-os entre as pessoas.

Que o Espírito do Senhor, Deus vivo e presente em cada um de nós, fortaleça a nossa fé e ilumine nosso caminho, para que possamos seguir com segurança a nossa trilha, disseminando amor, compaixão, harmonia e paz por todos os cantos do mundo.

Um fraterno abraço,

Milton Menezes.